

O mistério da foto

Antes que a rua d. Pedro II fosse pavimentada com paralelepípedos, havia em Guarulhos alguns costumes que não existem mais.

Um deles era que os corpos das pessoas mortas eram veladas na Igreja Nossa Senhora da Conceição, inaugurada em 1635 ou 1761 e localizada no fim da rua d. Pedro II. Após as orações, que eram feitas pelo padre, tocava o sino e o caixão era carregado pela rua d. Pedro II em direção ao cemitério São João Batista, que ficava pertinho.

Todas as lojas e escritórios baixavam as suas portas em sinal de respeito, mesmo não conhecendo quem tinha morrido. Era comum isto acontecer. Lembro que trabalhava no escritório do tio Abílio Lourenço Neves e que, constantemente, tinha que abaixar as portas e ficar olhando o enterro passar e depois, as voltava ao lugar.

Quando se tratava de enterro de crianças, era usual após sair da igreja, os familiares levarem a criança até a Foto Koga, a única da cidade e que ficava a uns duzentos metros da igreja e na rua d. Pedro II.

O Akito Koga era jovem na época. Tirava as fotografias e as revelava e depois os parentes vinham buscá-las.

O Akito Koga contou-me um fato bastante estranho que ele não conseguiu explicar. Tirou a fotografia da criança morta dentro do caixão e quando foi revelar saiu nitidamente a fotografia do caixão com as flores dentro, mas sem a criança. A criança desapareceu da foto. Ele garantiu que ele mesmo tirou a foto e ele mesmo a revelou.

Não sabe o que aconteceu. Ficou bastante preocupado, pois sabia que os parentes iriam reclamar com ele quando viessem buscar a foto. Mas nunca mais apareceram os parentes da criança morta e nem ele sabia quem eram e não encontrou ninguém que os conhecesse. Falou para todos os vizinhos da loja e ninguém sabia de nada.

Uma vez estava na rua d. Pedro II na papelaria do Milton Cuequinha, que ficava do outro lado da Foto Koga. Passou um enterro com poucas pessoas levando um caixão pelas mãos e umas 10 pessoas ao lado. Bem atrás do caixão estava o Moacir Mesquita que era candidato a vereador. Estava de roupa escura, com as mãos juntadas e a cabeça abaixada. O féretro passou, levantamos a porta da papelaria e ficamos conversando quando depois de uma hora, mais ou menos, apareceu o Moacir. Perguntei-lhe quem tinha morrido, pois sua aparência era muito triste.

-Sei lá, disse o Moacir, e concluiu, sou candidato a vereador e estou arranjando votos.

Os parentes daquele morto devem ter tido uma impressão estranha do Moacir. Não o conheciam. Seguiu o caixão até o cemitério e depois desapareceu. Acho que até pensaram que era um fantasma.